

PORTUGAL DOS MEUS ENCANTOS E DESENCANTOS: DO SANDUÍCHE AO PÓS-DOC

Gláucia Maria Costa Trinchão Paulo

Neste texto, quero falar de minhas experiências, vivências pessoais e culturais enquanto estive em um outro país, no caso, em Portugal. Não quero falar de experiências acadêmicas, essas ficam para discussões futuras. Bom, como a maioria dos brasileiros, principalmente os do Norte e Nordeste, por causa do processo de formação de nossa identidade sociocultural, pisar em terras lusas é colocar o pé no caminho da nossa história, até então conhecida por meio de livros, filmes e fotografias. Por isso a minha sensação ao chegar pela primeira vez ao aeroporto de Lisboa ter sido um misto de emoção, cautela e curiosidade. Emoção por estar na terra do povo que fez e faz parte da nossa cultura e da nossa narrativa e luta, pois me senti uma personagem reconstruindo a própria história de vida no tempo, no espaço e nos conflitos emocionais e reais. Essa emoção se traduziu em cautela, para não transformar sentimentos oriundos de histórias passadas e, muitas vezes, mal contadas em rancor ou divergências negativas. Assim, a curiosidade em descobrir ou desbravar aquele país tomou as rédeas de minhas experiências por lá e dirigiu minhas ações durante as minhas estadas em Lisboa, claro! E não foram poucas.

Estive em Portugal para estudo em dois momentos: um para fazer um “sanduíche” por seis meses, em 2005, na Universidade Lusófona; outro para

um pós-doutoramento de um ano, em 2017, no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Aparentemente, eu teria levado 12 anos para retornar a Portugal, mas não foi bem assim. Precisei retornar outras e outras vezes e a cada retorno um sentimento novo se abriu no meu ser. A cada retorno descobri uma nova cidade, uma nova arquitetura, um novo prato, um novo evento cultural e um povo renovado.

O ano de 2005 foi o ano em que eu cheguei a Lisboa pela primeira vez para iniciar meus estudos, precisamente em setembro, e aí fiquei até abril de 2006. Foram pouco mais de seis meses para a realização do que denominamos “bolsa sanduíche” no Brasil, pois eu fazia doutorado na Universidade do Rio dos Sinos (Unisinos), no Rio Grande do Sul. Foi o ano de início de minha primeira experiência internacional, principalmente de um choque cultural forte que tive que enfrentar em Portugal. Enfrentar preconceito já fazia parte de minha rotina, pois sou baiana, logo, nordestina. Para conviver na região sul do meu país, ainda preciso saber lidar com o preconceito. E olhem, não sou de tez escura.

Foi muito difícil, nos primeiros momentos, entender e aceitar a aspereza no falar, a lógica do raciocínio e o significado de certas palavras que no nosso vocabulário têm um sentido e no luso têm outro. Como entender que homem, em Portugal, anda de camisola (camisa de manga comprida) e mulher de cuequinha (calcinha), sem sorrir e curtir a situação?

O trato dado aos brasileiros e às brasileiras, naquela época, principalmente às mulheres, era constrangedor na maioria das vezes. Enfrentei situações de discriminação por ser mulher brasileira, por ser um perigo para as mulheres portuguesas e seus relacionamentos afetivos e casamentos. O território português havia recebido até aquele ano milhões de brasileiros que fizeram o “êxodo” por dificuldades financeiras que enfrentavam no Brasil por causa de governos anteriores. Foram para lá para trabalhar e sustentar suas famílias, que haviam ficado no Brasil – situação semelhante à dos nordestinos em relação à fuga para São Paulo. Além disso, havia um número significativo de mulheres brasileiras que estava vivendo na prostituição. Brasileiros estudando no país eram muito poucos em relação aos anos seguintes, mas, mesmo assim, estrangeiros brasileiros e africanos, principalmente os angolanos e moçambicanos, já enchiam as academias lusas. O contrário também aconteceu, presenciei situações em que os brasileiros reagiam muito mal aos

portugueses, em especial quando tinham que abrir as bolsas e mochilas em supermercados para averiguação devido à norma da casa.

Confesso que nos primeiros meses de convivência com os lusos, eu me embrutei, mas procurei um jeito de lidar com as situações sem me sentir magoada. Foi assim que saí de Portugal. Ali, naquela época, deixei amigos e amigas lusos à espera de que um dia eu retornasse ao país. Mas eu precisava descobrir uma boa estratégia para conquistá-lo. Daí, ao invés de me preocupar com as diferenças, dediquei-me a encontrar semelhanças, diversidades e a aprender sobre esse povo e a buscar e experimentar elementos da cultura local. Busquei identificar semelhanças no trato, pois também não somos santos e tão delicados assim; nas comidas, das quais recebemos obviamente muita influência; na arquitetura, cujas marcas estão em nossas cidades, como Salvador e Ouro Preto; nas questões de política, luta pela igualdade social, combate à violência doméstica, dentre outros, e foi aí que descobri que existiam bairros sociais, bairros de lata e de papel.

Assisti a novelas, prestei atenção nas propagandas, nas peças teatrais, nos programas de televisão e descobri que a telenovela juvenil “Morangos com Açúcar” era uma versão lusa da telenovela brasileira “Malhação”. Assisti também aos jogos de futebol pela televisão e daí vi que alguns dos principais times lusos da equipe, ou equipa, em português de Portugal, eram formados por muitos jogadores brasileiros.

Nesse caminho foi que descobri também, por meio de portugueses, portuguesas ou, simplesmente, tucas, como os chamamos, que o Brasil e os brazucas, como eles nos chamam, já faziam parte de Portugal há muito mais tempo que eu imaginava. Descobri que a feijoada era prato especial, que eles curtiam o carnaval brasileiro e, o mais curioso, que uma das músicas mais tocadas lá, há tempos, da qual eu vi um LP, era *Bilu Bilu Teteia*. Que Roberto Carlos era paixão nacional lusa, assim como Ângela Maria, Peninha e, mais atualmente, Maria Rita e Ana Carolina, dentre outros artistas brasileiros.

Conheci a história do “25 de Abril” e fui à festa do Avante, um grande evento cultural internacional. Nela, o Brasil estava representado. Aí me veio à lembrança a canção composta por Chico Buarque e Ruy Guerra, em 1973, “O Fado Tropical”, uma crítica à ditadura militar no Brasil – “Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal, ainda vai tornar-se um imenso Portugal” –, que fala do

meu, do seu, do nosso Brasil. E, mais uma vez, lá veio o Chico com a música “Tanto Mar”, dedicada à Revolução dos Cravos, em 1974 – “[...] e enquanto estou ausente, guarda um cravo para mim [...] eu queria estar na festa, pá, com sua gente”. “O Fado Tropical” se tornou também a canção do “25 de Abril” para muitos tugas e brazucas.

Eu me dediquei a conhecer Portugal e a sua música, além do fado, e fui, inclusive, a um concerto ou *show*, como falamos aqui, de *hip-hop* luso. Não entendia nada do que falavam, por causa do sotaque, mas foi muito bom estar lá. E, neste texto, quero deixar registrado que fui apresentada, via CD, à música de um artista que eu e um amigo tuga chamamos de Raul Seixas de Portugal. Eu me refiro a Antônio Variações, já falecido, cuja rebeldia, irreverência e conteúdo musical lembram o nosso “Maluco Beleza”. Conheci a música do Rui Veloso e do Paulo Gonzo e me diverti com as músicas Pimbas, aquelas de duplo sentido, também com as músicas do cancionista popular trabalhadas por Diolinda. O *rock* português me surgiu por meio das bandas Chutos e Pontapés e O Clã. A banda *The Gift* que, apesar de seu nome ser em inglês, é tipicamente portuguesa, seduziu-me com a música “Fácil de Entender”. Entretanto, não poderia sair de Portugal sem curtir o fado e aí tirei foto com Marisa, a fadista, e me encantei com a voz de Camané. Foi em Portugal também que eu conheci a música da Sara Tavares e da Lura, ambas portuguesas com ascendência cabo-verdiana, e também o ritmo da Kizomba e do Funaná. Um fato curioso foi quando, um belo dia, andando de comboio, que no Brasil tem o significado de trem, na rota Lisboa-Porto, um grupo de escoteiros entrou cantando e tocando violão, o que durou a viagem toda, nos proporcionando uma viagem agradável e divertida. Nessa ocasião, tive o prazer de ouvir, com o sotaque luso bem carregado, um deles cantando a música dos Mamonas Assassinas, “Brasília Amarela” – “Mina, seu cabelo é da hora [...] você é meu chuchuzinho”. Eu me diverti muito nesse momento. Assim, comecei a ser feliz em Lisboa e a querer viajar pelo Portugal dos meus encantos e desencantos!!!!

Voltei várias vezes, mas como turista. Queria redescobrir Portugal e tirar o ranço que guardei, pois é um lindo país e seu povo também o é. Mas só em 2017, por ter a oportunidade de passar um ano lá novamente, que percebi com mais clareza as mudanças ocorridas no espaço e no povo português, principalmente em relação ao trato com os brasileiros. Acredito que tais

mudanças ocorreram por causa dos novos objetivos que moveram os brasileiros a cruzarem o oceano e a enfrentarem uma nova cultura. Isso por causa da gestão e dos significativos investimentos em capacitação e qualificação docente, incremento na pesquisa e na internacionalização das universidades brasileiras por parte da vontade política dos governos que se seguiram no país a partir de 2003. Além disso, Portugal, após um período de crise que fez com que muitos brasileiros retornassem ao Brasil, investiu intensamente no turismo e na permanência de estrangeiros em território luso, incluindo brasileiros como habitantes e residentes no país. Também se transformou em uma das nações mais bem-vistas e desejadas no continente europeu. Essas ações, nos dois países, modificaram a forma de tratar e respeitar o outro, mesmo que ainda como uma semente que está a germinar, seja na variante do português de Portugal ou germinando, como é no português do Brasil.

Nesse período de um ano, fui muito melhor recebida pelo povo português, e nós, turistas ou estudantes, passamos a ser importantes para o desenvolvimento econômico do país. Portugal ainda estava lindo, a arquitetura, de certo modo, ainda estava sendo “preservada”, porque alguns prédios antigos e residenciais estavam se transformando em hostel e outros sendo vendidos para estrangeiros, uma espécie de limpeza social urbana nos espaços urbanos tradicionais. A música continuava “bombando” e artistas brasileiros como Seu Jorge, Chico César, Ana Carolina, Ivete Sangalo, Gilberto Gil, Gal Costa, entre outros, continuavam fazendo *shows* em Portugal. Foi com surpresa que descobri que a juventude lusa ouve o *funk* brasileiro e curte Ludmilla e Anitta. Além disso, eles estavam criando *funks* lusos. Fiquei mais surpresa ainda ao saber que eles ouviam também a Pablo Vittar, visto o grau de conservadorismo que ainda havia e há em Portugal.

Visitei a Santa Casa da Misericórdia, a Casa da Achada – que tem documentação sobre a vida e a obra do artista plástico Mário Dionísio – e a Exposição sobre Betâmio Almeida e Nikias Skapinakis – educadores e incentivadores da Educação pela Arte – em Portugal. Além de conhecer exposições nacionais, visitei também as internacionais, como no caso das exposições de Escher, Miró e Leonardo da Vinci.

Esse país que “Cheira bem, cheira a Lisboa” me conquistou por sua arquitetura e tecido urbano, pelos inúmeros museus e pelos inúmeros eventos culturais, mas, principalmente, pela preservação de documentos em suas

bibliotecas e em seus arquivos. Percorri várias cidades e vilas lusas, pois para mim cada uma tem sua particularidade, sua identidade e seu encanto. Experimentei da sua culinária e de cada doce que representa e caracteriza cada uma dessas vilas e, claro, do vinho, do bacalhau, da batata, do azeite, da azeitona e do pão. Aliás, dos vários tipos de pão, detalhes que não podem faltar à mesa portuguesa.

Foi assim que conquistei e me permiti ser conquistada por Portugal!!! Foi assim que Portugal “veio ni mim” e foi assim que passei a me sentir em casa nesse território!!!